Impactos culturais e sociais da inovação tecnológica na identidade regional: território, cultura e identidades

**Aparecida Mendes Cardoso[[1]](#footnote-1)**

**Resumo**

Este estudo aborda os impactos culturais e sociais da inovação tecnológica na identidade regional, considerando o desenvolvimento local como uma estratégia para promover o progresso socioeconômico e cultural em comunidades territoriais. Busca-se responder as seguintes questões: Como a inovação tecnológica influencia a identidade regional e as práticas socioeconômicas das comunidades locais? Quais são os impactos culturais e sociais da inovação tecnológica na formação das identidades individuais e coletivas? Tem-se como objetivo analisar os efeitos da inovação tecnológica na identidade regional e nas dinâmicas socioeconômicas locais. Foi realizada uma revisão bibliográfica para compreender as teorias existentes sobre o impacto da inovação tecnológica na identidade regional. Os resultados mostraram que a preservação da identidade cultural e territorial das comunidades contribui para construir sociedades mais inclusivas, promovendo estratégias que preservem a singularidade de cada comunidade.

**Palavras-chave:** Território. Identidade. Cultura. Inovação Tecnológica.

Cultural and Social Impacts of Technological Innovation on Regional Identity: Territory, Culture, and Identities

**Abstract**

This study addresses the cultural and social impacts of technological innovation on regional identity, considering local development as a strategy to promote socioeconomic and cultural progress in territorial communities. It seeks to answer the following questions: How does technological innovation influence the regional identity and socioeconomic practices of local communities? What are the cultural and social impacts of technological innovation on the formation of individual and collective identities? The objective is to analyze the effects of technological innovation on regional identity and local socioeconomic dynamics. A literature review was conducted to understand the existing theories on the impact of technological innovation on regional identity. The results showed that preserving the cultural and territorial identity of communities contributes to building more inclusive societies, promoting strategies that preserve the uniqueness of each community.

**Keywords:** Territory. Identity. Culture. Technological Innovation.

1 Introdução

O desenvolvimento local e regional, que se concentra na melhoria das condições socioeconômicas em áreas específicas, está ligado à cultura e à identidade das comunidades que habitam esses territórios. De acordo com Abramovay (2006), estudar as noções de território é fundamental para avançar nos estudos sobre regiões rurais, permitindo abandonar uma visão estritamente setorial e evitando a confusão entre crescimento econômico e desenvolvimento. Essas noções destacam os atores sociais e suas organizações, enfatizando os sistemas sociais e ecológicos.

Um território se desenvolve de forma social e histórica, potencializando os recursos materiais e imateriais da localidade, influenciado por dinâmicas políticas, econômicas, culturais e sociais. Carrière e Cazella (2006) ressaltam que um território é ao mesmo tempo uma criação coletiva e um recurso institucional, associando as transformações sociais do território à valorização de diversos recursos, sejam eles genéricos ou específicos.

A partir da perspectiva do desenvolvimento local, é necessário compreender como a adoção de novas tecnologias influencia os aspectos econômicos, os aspectos culturais e sociais das comunidades locais.

2 Aspectos Metodológicos

Este estudo utiliza uma abordagem metodológica baseada em revisão bibliográfica para analisar os impactos culturais e sociais da inovação tecnológica na identidade regional. Foram selecionadas e analisadas obras relevantes nas áreas de desenvolvimento local, inovação tecnológica, identidade cultural e territorial, buscando compreender teorias e evidências empíricas relacionadas ao tema.

A revisão bibliográfica foi conduzida utilizando bases de dados acadêmicas, livros, artigos de periódicos e outros recursos. A análise dos dados é realizada para obter uma melhor compreensão dos processos envolvidos na interação entre inovação tecnológica e identidade regional, contribuindo para o avanço do conhecimento nessa área.

3 Resultados e Discussão

Nesta seção, são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa sobre os impactos culturais e sociais da inovação tecnológica na identidade regional, com foco em território, cultura e identidades. A análise abrange como a tecnologia influencia as práticas socioeconômicas das comunidades locais e a formação de identidades individuais e coletivas. Os dados coletados e as teorias revisadas permitiram identificar padrões e tendências significativas que revelam a complexa interação entre inovação tecnológica e identidade regional.

2.1 Noção de território e territorialidade

Davidovich (1989) destaca que o território envolve o uso do espaço, apropriado e controlado, demarcando áreas específicas. Ele também dimensiona os laços entre pessoas, grupos sociais e instituições, mobilizando iniciativas de desenvolvimento. Abramovay (2006) reforça que o território resulta da organização das sociedades no uso de sistemas naturais, integrando ciências naturais e sociais. Haesbaert e Limonade (2007) veem o homem e o território como sujeitos interdependentes, nascendo juntos com a civilização. A construção do território é consequência da territorialidade, que abrange as relações de uma sociedade com a exterioridade e alteridade para satisfazer suas necessidades, buscando autonomia compatível com os recursos disponíveis.

Sassen (2013) argumenta que território e territorialidade não devem ser confundidos. A territorialidade é uma construção legal que define a autoridade exclusiva do Estado sobre seu território, sendo a forma dominante de entender o território. No entanto, ela ressalta que esses conceitos estão interligados, desde que o conceito de territorialidade não se limite à autoridade estatal exclusiva.

Souza (1995) sugere que um território é um "espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder", integrando dimensões políticas, sociais e ambientais. Ele descreve o território como uma teia de relações sociais que define limites e diferenças entre os membros de uma coletividade (*insiders*) e os de fora (*outsiders*), refletindo uma complexidade interna.

Haesbaert e Limonad (2007) afirmam que o território envolve tanto apropriação simbólica quanto domínio político-econômico de um espaço compartilhado. A noção de território não se limita ao espaço físico, mas inclui a construção histórica e social pela sociedade. A construção social do território implica em entender como ele é construído, não apenas reconhecer que ele é socialmente construído.

Pecqueur (2005) diferencia território dado, que é uma porção preexistente do espaço utilizada como base de estudo, de território construído, resultado dinâmico das interações sociais ao longo do tempo, ambos complementares na compreensão territorial. A Geografia, historicamente focada nas produções territoriais, negligenciou a influência do trabalho e da monetização na dinâmica territorial, subestimando os processos de desterritorialização e reterritorialização.

Dallabrida (2016) reforça que o território é uma construção social moldada por complexas relações de poder sociais, políticas, culturais e econômicas, destacando sua formação contínua pelo espaço-tempo das interações sociais e identitárias. A identidade cultural é vista como um mecanismo essencial de sobrevivência, defendendo tanto o indivíduo quanto sua comunidade local em suas relações com o mundo e a sociedade.

Nesse contexto, o patrimônio cultural desempenha um papel crucial ao resgatar a memória identitária de um povo, conectando o patrimônio cultural ao histórico. Dallabrida (2016) argumenta que é em torno dessa matriz identitária que um território se constrói, estabelecendo uma relação direta entre identidade e desenvolvimento territorial.

Segundo Dallabrida (2015), o desenvolvimento territorial é um processo contínuo de mudança situado historicamente e territorialmente, integrado em dinâmicas intraterritoriais, supraterritoriais e globais. Esse processo visa potencializar os recursos materiais e imateriais existentes localmente para dinamizar a economia e melhorar a qualidade de vida da população.

Pollice (2010), por sua vez, acrescenta que a identidade territorial surge de um processo autorreferencial de uma comunidade que culturalmente se apropria de um espaço definido, influenciando e sendo influenciada pelo processo de territorialização. Assim, a identidade desempenha um papel estratégico nos processos de desenvolvimento local ao moldar as disposições territoriais e suas transformações estruturais e relacionais.

Dallabrida (2016) resume os impactos da identidade no desenvolvimento territorial, destacando várias dimensões importantes. Primeiramente, a identidade territorial fortalece o poder normativo dos valores éticos e comportamentais compartilhados localmente. Além disso, contribui para a transferência de conhecimento tanto dentro das gerações quanto entre elas. O senso de pertencimento também é fundamental, atuando como um elemento coesivo no sistema econômico local.

Dallabrida (2016) enfatiza a necessidade de uma reinterpretação crítica e inovadora por parte das empresas locais, promovendo a auto-organização dos sistemas territoriais e integrando mecanismos de mudança. O desenvolvimento endógeno, por sua vez, depende da capacidade da comunidade local de valorizar os recursos territoriais, especialmente aqueles que são únicos e diferenciadores. A relação entre identidade e estratégia de desenvolvimento é reforçada por mecanismos de convergência política e compartilhamento projetual, mitigando comportamentos oportunistas ou ideológicos. Por fim, os sentimentos identitários locais influenciam positivamente o apego afetivo aos valores culturais e paisagísticos do território.

No contexto do desenvolvimento territorial, é crucial destacar a necessidade de descentralização político-administrativa. A eficácia do desenvolvimento local depende da precisão das iniciativas tomadas, combinando descentralização com o fomento ao desenvolvimento endógeno. Isso facilita a participação ativa da sociedade civil na formulação e implementação de estratégias que promovam um crescimento sustentável e inclusivo da localidade.

Abramovay (2006) enfoca a importância de compreender os mercados como arenas onde diferentes atores buscam cooperação para alcançar domínio social. Ele destaca que o mercado relevante representa não apenas o espaço territorial, mas também o campo de interação econômica onde agentes competem e colaboram para obter vantagens estratégicas.

Por outro lado, Peixe (2010) sublinha que o desenvolvimento territorial requer planejamento e autogestão eficazes dos territórios urbanos e rurais. Ele argumenta que essa abordagem não se limita a dinamizar a economia local, mas também a resgatar espaços socialmente ocupados por diversos grupos sociais, considerando as dimensões econômicas, sociais e institucionais envolvidas no processo de desenvolvimento autônomo sub-regional. Essa perspectiva enfatiza a importância de integrar diferentes partes interessadas e promover a democracia local nos processos de decisão e desenvolvimento territorial.

2.2 Inovação Tecnológica

A inovação pode ser compreendida de forma geral como a introdução de novos produtos, serviços ou soluções na atividade econômica. É um processo complexo que geralmente se inicia com uma nova ideia, atravessa a resolução de um problema e culmina na criação e utilização de um novo bem, seja ele um produto ou serviço, com valor econômico ou social significativo. Como destacado por Branson (1998, p. 46), “um negócio inovador é aquele que constantemente pensa fora do comum, combinando boas ideias, uma equipe motivada e um conhecimento instintivo sobre as necessidades dos clientes”.

O conceito e as abordagens para implementar a inovação, assim como qualquer processo que traga mudanças na mentalidade e ação das empresas, evoluíram consideravelmente nas últimas décadas. Atualmente, a ideia de que a inovação deve ser conduzida exclusivamente pelos tecnólogos foi substituída pela compreensão de que ela deve atender às expectativas e necessidades reais do mercado.

Além disso, o conceito de redes de inovação transcendeu a noção de que as organizações podem se destacar isoladamente no mercado por meio de suas próprias atividades de inovação, uma vez que o progresso tecnológico, especialmente na área de tecnologia da informação, tem impulsionado as empresas a colaborarem para inovar, sem se limitarem às fronteiras nacionais. Esse movimento sugere que a inovação é um ciclo contínuo alimentado pelos avanços que ela mesma gera (Branson, 1998).

O primeiro grande esforço para reconhecer a importância da inovação e estudar as mudanças que ela provoca foi feito pelo economista austríaco Joseph Schumpeter (1883-1950), que considerou a inovação como a força motriz por trás do progresso das nações. Schumpeter desafiou a ideia predominante na época de que as mudanças deveriam ser evitadas para não desestabilizar a dinâmica do sistema econômico e social (Miranda; Vasconcelos; De Luca, 2015).

O conceito de "destruição criativa" resume o fenômeno que tem sido observado com grande velocidade desde a Revolução Industrial: a inovação traz mudanças que geram riqueza, prosperidade e desenvolvimento. Para uma empresa sobreviver ao longo do tempo, é necessário que ela passe por sua própria transformação, buscando sempre se adaptar às tendências de mudança do mercado, ou seja, deve se reinventar constantemente (Miranda *et al.*, 2015).

Apesar das diferentes perspectivas sobre o processo de globalização, há um consenso de que a inovação e o conhecimento desempenham papéis cruciais na definição da competitividade e do desenvolvimento em diversos níveis, incluindo nações, regiões, setores, empresas e indivíduos. Os impactos da inovação não se limitam apenas às empresas, mas se estendem à sociedade, à economia e ao meio ambiente. As inovações introduzidas no mercado, tanto por empresas privadas quanto públicas, geram benefícios que são desfrutados pelos consumidores e pela sociedade em geral. Esses efeitos, também conhecidos como "externalidades", podem ser positivos ou negativos (Miranda *et al.*, 2015).

Ao longo das décadas, assim como outros processos e conhecimentos humanos, a conceituação, compreensão e operacionalização da inovação como instrumento de evolução social e econômica passaram por transformações significativas. A inovação já não pode ser vista de forma unilateral em prol exclusivo da lucratividade das empresas. A abordagem contemporânea revela que a inovação é direcionada pelo próprio mercado (Miranda et al., 2015).

Conforme os estudos sobre os efeitos da inovação sobre a economia se aprofundam, a concepção de que os processos seguem uma linha linear, indo unidirecionalmente do laboratório para o mercado, foi substituída por uma compreensão de fluxos multidirecionais, absorvidos em uma estrutura complexa de interação entre o ambiente econômico e as mudanças tecnológicas e sociais.

A dinâmica da interação na inovação torna o processo complexo, com múltiplas direções e não linear, diferindo substancialmente da produção tradicional. Drucker (2002) enfatiza a necessidade de todas as empresas se tornarem líderes de mudança, já que, segundo ele, tentar gerenciar a mudança não é viável; a única solução é antecipar-se a ela.

O cerne do conceito de inovação reside na novidade. A mudança é a palavra-chave, independentemente de sua intensidade, pois a inovação pode tanto gerar mudança quanto reagir a ela. Tidd, Bessant e Pavitt (2005) destacam que a inovação é um processo complexo, cujas interações são elementos críticos.

Batista et al. (2013, p. 10) complementam essa visão, definindo a inovação como o resultado da interação entre elementos técnicos e econômicos, alimentando-se mutuamente para direcionar a adoção de vetores tecnológicos, especialmente em ambientes marcados por incertezas e riscos.

McAdam, Stevenson e Armstrong (2000) definiram a inovação como o aproveitamento da capacidade criativa individual e coletiva em resposta à mudança, resultando em abordagens distintas em relação a produtos, processos ou procedimentos. Isso é alcançado através da melhoria contínua das técnicas e da eficácia da produção, bem como da assimilação e exploração da novidade.

Costa, Barbosa e Silva (2011) destacam duas dimensões que permitem classificar a inovação: (i) em termos de tipo, relacionado ao objeto da inovação; e (ii) em termos de grau, ligado à originalidade da inovação. Além disso, os autores ressaltam que a inovação vai além de produtos e serviços, afetando a vantagem competitiva das empresas em relação aos seus concorrentes, por meio da aquisição de competências diferenciadas que se refletem em atividades inovadoras abrangendo todos os aspectos da organização.

Costa, Barbosa e Silva (2011) relatam que Schumpeter propôs cinco tipos de inovação: introdução de novos produtos, métodos de produção, abertura de novos mercados, desenvolvimento de novas fontes de suprimento e criação de novas estruturas de mercado. Por outro lado, Tidd, Bessant e Pavitt (2005) estabeleceram os 4P da inovação, cada um oferecendo uma vantagem específica para a empresa:

a) Inovação de produto ou serviço: alteração nos produtos ou serviços oferecidos pela organização.

b) Inovação de processo: mudança na maneira de criar e entregar.

c) Inovação de posicionamento: mudança no contexto em que produtos ou serviços são introduzidos, muitas vezes resultante de uma mudança de percepção sobre um produto ou processo estabelecido. Isso frequentemente requer inovações extensivas em produtos e processos.

d) Inovação de paradigma: mudança nos modelos mentais fundamentais que guiam as atividades da organização.

A partir da década de 1990, Clayton Christensen definiu dois tipos de inovações em seu livro: disruptiva e sustentadora. As inovações sustentadoras resultam em produtos e serviços que atendem às necessidades dos clientes, permitindo que a empresa aumente sua margem de lucro e venda produtos de maior qualidade com menor risco. Essas inovações são geralmente alcançadas por meio de melhorias incrementais, visando principalmente os consumidores mais exigentes do mercado (Candido, 2011).

As inovações disruptivas introduzem novos mercados e modelos de negócios, apresentando soluções mais eficientes do que as disponíveis no momento. Elas desencadeiam a ruptura de modelos de negócios antigos e alteram a base das competições existentes. A inovação disruptiva traz ao mercado um desempenho superior ao que está disponível até então, embora possa inicialmente ser mal recebida e considerada impossível ou fora dos padrões pelos clientes (Candido, 2011).

Silva et al. (2015) ressaltam que ao longo do dia, as pessoas recebem uma variedade de insights, desde o momento em que acordam até o fim do dia. Essas informações vêm de diversas fontes e podem abranger uma ampla gama de assuntos, sendo veiculadas em diferentes meios, como jornais impressos, rádio, televisão e pela internet.

Para compreender o conceito de insight, Sousa e Monteiro (2010) destacam a importância de reconhecer que essas percepções, recebidas ao longo do tempo, podem ser transformadas em ideias inovadoras por empreendedores habilidosos. Essas ideias, muitas vezes, não surgem de forma completa e perfeita, mas como conceitos rudimentares que precisam ser refinados. É crucial entender que tudo pode ser aprimorado para melhor, e que o processo de desenvolvimento de ideias requer lapidação e ajustes contínuos.

Outro conceito por trás da inovação é o processo criativo, também chamado de ideação, quando as pessoas se juntam na busca por ideias para a solução de algum problema ou o atingimento de objetivo. Normalmente há uma diretriz ou meta que norteia o processo criativo. Quando surgem as ideias e estas estão relacionadas a um objetivo conhecido, esta é chamada de *insight* (Sousa; Monteiro, 2010, p.1).

Sousa e Monteiro (2010) afirmam que para o surgimento de ideias úteis é necessário que estas se formem de maneira consciente, pensada e consistente. Dessa forma, é possível dizer que para se considerar uma ideia inovadora é necessário que tenha como base a realidade, se de fato é útil para o público a que se destina.

Para um melhor entendimento, Sousa e Monteiro (2010, p. 1) comparam instinto, intuição e insight, os quais são fundamentais para a inovação: “Instinto: comportamento animal, inconsciente (defesa da vida); Intuição: ‘voz interna’ que ocorre no subconsciente (passa pelas emoções); pressentimento; Insight: processo cognitivo que ocorre de forma consciente; habilidade de conectar as coisas.” Pode-se afirmar que o insight é alcançado por meio de três macro esferas do pensamento, conforme demonstrado no Quadro 1.

**Quadro 1. Dimensões do pensamento para o alcance do *insight***

|  |  |
| --- | --- |
| **Observações Etnográficas**  **(o que vejo e ouço)** | Etnografia é a análise detalhada da cultura de diferentes grupos humanos, abrangendo aspectos como linguagem, etnia, religião e costumes, bem como suas expressões materiais. É a disciplina que estuda as diversas características das etnias. |
| **Conhecimento tácito**  **(o que conheço)** | Conjunto de saberes acumulados por um indivíduo ao longo da vida, derivados de experiências pessoais. Tipicamente desafiador de formalizar ou transmitir a terceiros, devido à sua natureza subjetiva e vinculada às habilidades individuais. |
| **Inferências (o porquê)** | É quando se estabelece a veracidade de uma proposição com base em sua relação com outras já aceitas como verdadeiras. |

Fonte: Sousa E Monteiro (2010).

Costa, Barbosa e Silva (2011) reforçam essa perspectiva, destacando que a inovação, especialmente em tempos de crises econômicas e recessões, é crucial para impulsionar economias globalmente, diferenciando-se diante das adversidades econômicas e políticas. No entanto, abordar inovação e capacidade inovativa não é simples, pois a literatura sobre o tema é limitada. Atoche (2007, p. 35) comenta:

[...] a literatura que trata da gestão de inovação não é satisfatória no que diz respeito à explicação da capacidade inovativa empresarial. Em grande parte dos estudos, o conceito de capacidade inovativa torna-se limitado, pois são considerados somente os aspectos tecnológicos [...].

Assim, poucos estudos se dedicam a abordar as questões conceituais, concentrando-se mais nas metodologias práticas que conduzem à inovação, destacando-se neste estudo como essa inovação afeta os aspectos culturais e sociais na identidade regional.

2.3 Impactos culturais e sociais da inovação tecnológica na identidade regional

O desenvolvimento local, caracterizado pela melhoria das condições econômicas e sociais em unidades territoriais menores, é impulsionado pela capacidade endógena das comunidades em aproveitar seus recursos e oportunidades. Esta abordagem enfatiza a importância da cooperação entre os diversos atores locais, como setor empresarial, sociedade civil e instituições públicas, na promoção do desenvolvimento autossustentável (Nunes; Karnopp; Rosa, 2016).

O desenvolvimento regional, por sua vez, é essencial para compreendermos a dinâmica socioeconômica e cultural de uma determinada área geográfica, pois implica a competição no mercado e a formação de recursos humanos adequados, e está ligado ao autodesenvolvimento das empresas locais e à criação de ambientes inovadores que promovam parcerias entre os setores público e privado (Albuquerque Llorens, 2001).

Nesse contexto, a inovação tecnológica influencia na transformação das identidades regionais, influenciando tanto os aspectos culturais quanto os sociais. A adoção de novas tecnologias pode modificar as práticas econômicas e os modos de vida das comunidades locais, impactando sua identidade cultural e seus sistemas de valores. Ao mesmo tempo, a inovação tecnológica pode promover a inclusão social e o desenvolvimento humano, ao criar oportunidades de emprego e melhorar o acesso a serviços básicos, como saúde e educação (Rodrigues; Pimenta; Melo, 2022).

Portanto, ao analisarmos os impactos da inovação tecnológica na identidade regional, é essencial considerar os aspectos econômicos, os sociais e culturais do desenvolvimento local e regional, que requer um entendimento que leve em conta as necessidades das comunidades locais, garantindo que os benefícios sejam distribuídos de forma equitativa. Nesse sentido, o desenvolvimento local se baseia na valorização das atividades e iniciativas locais, incentivando a inovação e a criatividade das comunidades como motores de progresso regional. Quando as potencialidades de uma região são estimuladas, elas tendem a gerar impactos positivos para o desenvolvimento regional como um todo (Nunes; Karnopp; Rosa, 2016).

Portanto, o desenvolvimento local não se restringe às ações internas de uma comunidade, mas também envolve por parcerias e aproveitamento das oportunidades externas, proporcionando tanto a valorização individual quanto a abertura de novas perspectivas para o coletivo (Fagundes, 2010). Nesse contexto, a construção da identidade exerce influência no desenvolvimento local, pois valoriza a singularidade de cada comunidade (Araújo et al., 2017). A identidade é um processo dinâmico influenciado pela interação entre o indivíduo e o ambiente, refletindo valores, crenças e ideologias (Castells, 2018).

Portanto, no contexto do desenvolvimento local, é essencial promover estratégias que valorizem e preservem a identidade cultural e territorial das comunidades, reconhecendo sua importância na construção de sociedades mais inclusivas. O fortalecimento da identidade de uma comunidade é importante para o desenvolvimento local, pois permite que os membros se reconheçam como protagonistas de seu próprio progresso (Miguel, 2021).

Nesse contexto, a definição da identidade é individual, mas também é social e cultural, moldada pela convivência e pela transmissão geracional de valores e crenças (Frias, 1995). Em sociedades tradicionais, instituições como família, igreja e estado-nação exerciam influência na construção das identidades individuais, enquanto nas sociedades pós-modernas, essas instituições perderam parte de sua influência (Araújo et al., 2017).

Hall (2014) distingue entre "velhas identidades", estáticas e associadas à cultura nacional, e "novas identidades", mais flexíveis e fragmentadas. Enquanto as identidades tradicionais eram formadas pelo ambiente de nascimento, as identidades contemporâneas são moldadas por uma variedade de influências culturais.

Bauman (2005) destaca que as identidades são definidas pelas comunidades em que os indivíduos estão inseridos, sendo essas comunidades de vida ou de destino. Para ele, a exposição a diferentes comunidades influencia a formação da identidade, que pode ser moldada pela policultura presente na sociedade. Para as comunidades tradicionais, a cultura e a identidade são elementos essenciais que precedem o desenvolvimento local, contribuindo para a preservação do território e sua valorização cultural (Araújo et al., 2017).

No século XXI, uma série de eventos tem impactado o comportamento social e a formação das identidades. A globalização, a ascensão das mídias sociais e redes online como formas de comunicação ubíqua, os movimentos sociais em prol dos marginalizados e a crescente influência do mercado frente ao enfraquecimento do Estado têm atuado nesse processo de transformação.

Diante desse contexto, o desenvolvimento local deve buscar preservar a identidade cultural e promover a criatividade, adaptando-se às condições socioculturais de cada comunidade, devendo ser orientado pelo combate à exclusão social, priorizando pequenos empreendimentos e segmentos da população que estão à margem do mercado tradicional. Esse enfoque busca melhorar a qualidade de vida de toda a sociedade de maneira justa, humana e sustentável (Oliveira, 2020).

4 Conclusão

A inovação tecnológica desempenha um papel crucial na transformação das identidades regionais, influenciando tanto os aspectos culturais quanto sociais das comunidades locais. Enquanto as tecnologias emergentes podem modificar práticas econômicas e modos de vida, impactando a identidade cultural e os sistemas de valores, elas também oferecem oportunidades para inclusão social e desenvolvimento humano, ao gerar empregos e melhorar o acesso a serviços essenciais como saúde e educação.

Assim, ao avaliar os impactos da inovação tecnológica, é fundamental considerar a interação entre desenvolvimento local e regional, e a necessidade de estratégias que preservem e valorizem a identidade cultural das comunidades.

No século XXI, a globalização, as mídias sociais e a crescente influência do mercado têm transformado o comportamento social e a formação das identidades, destacando a importância de um desenvolvimento local que respeite e promova a identidade cultural. O desenvolvimento regional deve, portanto, integrar a valorização da singularidade das comunidades locais, promover a criatividade e combater a exclusão social.

Este enfoque deve buscar um equilíbrio entre a inovação e a preservação cultural, garantindo que os benefícios sejam equitativamente distribuídos e que as comunidades se reconheçam como protagonistas de seu próprio progresso. Em última análise, o desenvolvimento local eficaz deve ser sensível às condições socioculturais locais e orientado para a construção de sociedades mais inclusivas e sustentáveis.

**Referências**

ABRAMOVAY, Ricardo. Para uma teoria de estudos territoriais. In: MANZANAL, M., NEIMAN, G. Y LATTUADA, M. (orgs). Desarrollo Rural: Organizaciones, Instituciones y Territorios. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, 2006.

ALBUQUERQUE LLORENS, Francisco. Desenvolvimento econômico local: caminhos e desafios para a construção de uma nova agenda política. 1. ed. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2001, p. 43-101.

ARAÚJO, W. A.; TEMOTEO, J. A. G.; ANDRADE, M. O.; TREVIZAN, S. D. P. Desenvolvimento local, turismo e populações tradicionais: elementos conceituais e apontamentos para reflexão. Interações, Campo Grande, MS, v. 18, n. 4, p. 5-18, 2017.

ATOCHE, C. Capability lifecycles: an insight from the innovation capability evolution in emerging economies. Cladea’s Annual Assembly, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. A identidade: entrevista a Benedito Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CÂNDIDO, Ana Clara. Inovação Disruptiva: Reflexões sobre as suas características e implicações no mercado. 2011.

CARRIÈRE, Jean-Paul; CAZELLA, Ademir Antonio. Abordagem introdutória ao conceito de desenvolvimento territorial. Revista Eisforia, v. 4, n. 4, p. 23-47, 2006.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade: .... v.2. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

COSTA, Danilo De Melo; BARBOSA, Francisco Vidal; SILVA, Cláudio Heleno Pinto Da. Empreendedorismo e inovação: o papel da educação superior nas economias mundiais. 2011.

DALLABRIDA, Valdir Roque. Ativos territoriais, estratégias de desenvolvimento e governança territorial: uma análise comparada de experiências brasileiras e portuguesas. EURE (Santiago), v. 42, n. 126, p. 187-212, 2016.

DALLABRIDA, Valdir Roque. Governança territorial: do debate teórico à avaliação da sua prática. Análise Social, n. 215, p. 304-328, 2015.

DAVIDOVICH, F. Gestão do território, um tema em questão. In: Encontro Nacional da ANPUR, 1989, Águas de São Pedro, Anais... São Paulo: Anpur/FAU, 1989. V.2, p.69-79.

DRUCKER, P. O melhor de Peter Drucker: a administração. São Paulo: Nobel, 2002.

FAGUNDES, J. P. Desenvolvimento Sustentável: A teoria da emergência como indicador de sustentabilidade. Resultados preliminares de uma pesquisa. XI SEPA, Juazeiro-BA, agosto de 2010.

FAGUNDES, J. P. Desenvolvimento Sustentável: A teoria da energia como indicador de sustentabilidade. Resultados preliminares de uma pesquisa XI SEPA, Juazeiro -BA, agosto/2010.

Frias, Rodrigo Ribeiro Metamorfoses identitárias de lideranças religiosas não iorubás inspiradas no convívio com lideranças religiosas iorubás. 2019 206 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas. n. 2 (4), v. 1, 2007.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 12. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014, p. 182-225.

KASHIMOTO, Emilia Mariko; RUSSEFF, Ivan. Cultura, identidade e desenvolvimento local: Conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. Interações - Revista Internacional do Desenvolvimento Local - Campo Grande, v. 3. n. 4, p. 35-42, mar. 2002.

MCADAM, Rodney; STEVENSON, Peter; ARMSTRONG, Gren. Innovative change management in SMEs: beyond continuous improvement. Logistics Information Management, v. 13, n. 3, p. 138-149, 2000.

MIGUEL, A. P. B. As associações na dinamização cultural local (Estudo de caso – associações culturais e recreativas covilhanenses). Universidade Beira Interior. Dissertação, Mestre em Estudos de Cultura (2º ciclo de estudos ou mestrado integrado), 2021.

MIRANDA, Kléber Formiga; DE VASCONCELOS, Alessandra Carvalho; DE LUCA, Márcia Martins Mendes. A capacidade inovativa e o desempenho de empresas inovadoras brasileiras. Revista Eletrônica de Administração, 2015. v. 21, n. 2, p. 269-299.

NUNES, O. M; KARNOPP, E; ROSA, C. C. As potencialidades endógenas do desenvolvimento regional: estudo de caso do município de São Gabriel/RS. COLÓQUIO – Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 13, n. 1, jan./jun. 2016.

OLIVEIRA, N. M. Desarrollo Local: Quo Vadis? Redes (Santa Cruz Sul, Online), v.25, Ed. Especial., p.1698 -1714, 2020. ISSN 1982-6745

PECQUEUR, Bernard. O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul. Tradução: Ghislaine Duque. Revista Raízes, v. 24. nºs 01 e 02, p. 10–22, jan./dez. 2005.

PEIXE, Raquel Giane. A atividade turística como potencial de desenvolvimento territorial. Estudo de caso: município de Botuverá (SC). Anais... Universidade de Caxias do Sul, 2010.

POLLICE, Fabio. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. Espaço e cultura, n. 27, p. 7-24, 2010.

RODRIGUES, Lucas Inácio; PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; MELLO, Adilson da Silva. Patrimônio cultural como identidade coletiva: o saber-fazer do doce pé de moleque em Piranguinho, MG. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 23, n. 1, p. 35-50, jan./mar. 2022.

SASSEN, Saskia. When territory deborders territoriality. Territory, politics, governance, v. 1, n. 1, p. 21-45, 2013.

SILVA, Rafael de Assis da et al. Insight in bipolar disorder: a comparison between mania, depression and euthymia using the Insight Scale for Affective Disorders. Trends in psychiatry and psychotherapy, v. 37, n. 3, p. 152-156, 2015.

SOUSA, Fernando; MONTEIRO, Ileana. Inovação organizacional: a eficácia do método de resolução criativa de problemas. Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa, v. 9, n. 3, p. 38-49, 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de (Org.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. Managing innovation: integrating technological, market and organizational change. Chichester. West Sussex: John Wiley & Sons Ltd. 3rd ed. 2005.

1. Informe sobre a afiliação do/a autor/a, incluindo instituição de origem, cidade e país. E-mail de contato. Inserir aqui se o trabalho recebeu algum tipo de financiamento. [↑](#footnote-ref-1)